

LITERATURA INFANTIL E PROTOCOLOS DE LEITURA: UMA ANÁLISE DE *MAMÃE NUNCA ME CONTOU*, DE BABETTE COLE¹

Rossanna dos Santos Santana Rubim²
Josineia Sousa da Silva³

RESUMO

Neste estudo procuramos evidenciar os protocolos de leitura inscritos na obra de literatura *Mamãe nunca me contou*, da escritora e ilustradora inglesa Babette Cole elencando temas em destaque que vão ao encontro de questões de emancipação do sujeito, passíveis de diálogos tanto no ambiente de educação formal quanto fora dele. A partir de uma perspectiva histórico-cultural atravessada pelos pressupostos teóricos de Roger Chartier, situamos o presente nas discussões sobre a literatura infantil e suas funções no mundo social, assim como sobre o livro como objeto cultural. Os resultados favorecem a desmitificação do paradigma acerca desse tipo de produção literária.

Palavras-chave: Literatura infantil. Protocolos de leitura. Babette Cole.

Sobre protocolos de leitura e literatura infantil

Dizer da literatura infantil do ponto de vista histórico-cultural, mais especificamente, dissertar sobre a narrativa *Mamãe nunca me contou*, de Babette Cole, é, de algum modo, uma tentativa de promover algumas possibilidades de leitura em um trabalho que perpassa diferentes lugares e movimentos de construção social e vislumbrar uma produção de literatura infantil cuja “[...] atuação dá-se dentro de uma faixa de conhecimento, não porque transmite informações e ensinamentos morais, mas porque pode outorgar ao leitor a possibilidade de desdobramentos de suas capacidades intelectuais” (ZILBERMAN, 2003, p. 46).

¹Este trabalho encontra-se inscrito nas atividades do grupo de pesquisa Literatura e Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo (<http://www.literaturaeeducacao.ufes.br/>).

² Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFES. Bibliotecária/Documentalista do Instituto Federal do Espírito Sant. E-mail: rossanna@ifes.edu.br

³ Pedagoga e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFES. E-mail: josineialis@gmail.com

A partir da proposta conceitual apresentada pelo historiador Roger Chartier, no que se refere aos usos dos materiais impressos, intencionamos discorrer sobre possíveis protocolos de leitura inscritos na obra de Babette Cole, elencando temas em destaque que vão ao encontro de questões de emancipação do sujeito, cujos assuntos transitam entre o ambiente formal e não formal de educação.

Para Chartier (1996), uma história da leitura e do impresso constrói-se também a partir do

[...] pensar que os atos de leitura que dão aos textos significações plurais e móveis situam-se no encontro de maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas e de protocolos de leitura depositados no objeto lido, não somente pelo autor que indica a justa compreensão de seu texto, mas também, pelo impressor que compõe as formas tipográficas, seja com um objetivo explícito, seja inconscientemente, em conformidade com os hábitos de seu tempo (p. 78).

Os protocolos ora mencionados constituem-se de um conjunto de dispositivos intercambiantes e inscritos em dois momentos: a) na produção textual, na qual os dispositivos são resultantes da escrita, estando os desejos do autor inscritos no texto, impondo “um protocolo de leitura, seja aproximando o leitor a uma maneira de ler que lhe é indicada, seja fazendo agir sobre ele uma mecânica literária que o coloca onde o autor deseja que esteja” (CHARTIER, 1996, p. 95-96); b) e na produção de livros, no que diz respeito às variações tipográficas do impresso, já que esses procedimentos “não pertencem à escrita, mas à impressão, não são decididas pelo autor, mas pelo editor-livreiro e podem surgir leituras diferentes de um mesmo texto” (CHARTIER, 1996, p. 96).

Coadunando com a proposta historiográfica chartieriana é que, a partir de uma leitura feita por adultos (as autoras do presente artigo), buscamos localizar possíveis “senhas” inscritas nessa obra de Babette Cole, tendo em vista os traços contrários daquilo que tradicionalmente a literatura infantil apresentava, a saber: “[...] um discurso monológico que, pelo caráter persuasivo, não abria brechas para interrogações, para o choque de verdades, para o desafio da diversidade, tudo se homogeneizando numa só voz. No caso, a do narrador” (CADEMARTORI, 2010, p. 25).

Apontamentos sobre a recepção da obra de Babette Cole

A produção literária de Babette Cole, autora e ilustradora inglesa de livros infantis, apresenta-se fora dessa perspectiva dita monológica e persuasiva, sendo ela comumente reconhecida no mercado literário de livros ilustrados para crianças pela abordagem diferenciada e bem humorada que a mesma confere a assuntos considerados “difíceis” ou “tabus” em vários segmentos sociais, tais como questões de conhecimento do corpo, sexualidade e orientação sexual. A respeito do acolhimento da obra da autora, trazemos o exemplo do título *Mamãe botou um ovo*, traduzido em mais de 72 idiomas, tendo vendido mais de 2,5 milhões de exemplares mundialmente (ABOUT..., 2015) e situado num contexto de controvérsias no âmbito das discussões a respeito dos temas de livros ilustrados infantis, o que podemos visualizar no seguinte excerto:

A questão do assunto de livros ilustrados continua a causar debate, em parte, talvez, porque as imagens deveriam ter um efeito imediato, em parte por causa da suposição impensada de que os livros infantis são inocentes ou devem preservar algum tipo de inocência (geralmente por suas omissões), e em parte por razões de bom gosto. Livros recentes que têm despertado controvérsia têm sido a inflexível representação de Toshi Maruki do bombardeio de Hiroshima e seus efeitos trágicos sobre uma família em *Hiroshima no Pika* (Estados Unidos, 1980); [e] a bem-humorada explicação de Babette Cole sobre a reprodução sexual, em *Mamãe botou um ovo* (Reino Unido, 1993), que traz [ilustrações de] espermatozoides nadando nas guardas de papel das capas" (PICTURES..., 2005, p. 1057-1058, tradução nossa).

A controvérsia mencionada encontrou lugar também em espaços públicos não escolares de leitura do Reino Unido, de acordo com o exposto em levantamento feito junto a bibliotecas públicas na Escócia (TAYLOR; McMENEMY, 2013) e que relatam situações de pedido de censura, reclassificação temática de acordo com a faixa etária e abordagem inapropriada de questões relativas a sexo, numa obra destinada ao público infantil. Relata também a efetiva retirada dos títulos *Mamãe nunca me contou* e *Mamãe botou um ovo* das seções infantis, em observação a solicitações feitas por pais de usuários infantis das referidas unidades públicas de informação.

Identificamos também lugar de validação para o trabalho de Babette em ensaio da escritora e editora de livros infantis, a americana Lisa R. Fraustino. Ao discorrer

sobre como o mito da figura materna é comumente representado e perpetuado na literatura infantil de língua inglesa (mães que amam seus filhos imensuravelmente e que não visualizam quaisquer perspectivas de realização fora da maternidade, tais como uma carreira ou o envolvimento em atividades não domésticas), Fraustino (2009) comenta:

Nós nunca vemos desenhos cômicos de pais nus que se perseguem em torno da cama, em resposta à pergunta "por que a mamãe e o papai se trancam no quarto deles?", como as crianças do Reino Unido veem em "Mamãe nunca me contou" (2003), de Babette Cole, um livro muito engraçado que remove muitas camadas de mitos maternos (p. 68-69, tradução livre).

No Brasil, não localizamos produções que dessem conta da recepção dos trabalhos de Babette Cole, cujos títulos mencionados até então levam o selo da editora Ática, estando em circulação, atualmente, apenas o *Mamãe nunca me contou* (2006), sobre o qual versa o presente artigo. Podemos acrescentar que, não muito alheio a atitude da crítica estrangeira, pudemos observar algumas atitudes de surpresa e discordância de adultos ao manusear o livro. De certa forma, não houve recepção desprovida de alguma reação emblemática sobre o conteúdo, seja por entender como inadequado ou ainda por resistência à exposição dos temas a um público infantil.

A partir das análises da apresentação material e de conteúdo desse título, quando buscamos saber dos protocolos inscritos na obra, pretendemos localizá-lo no nicho literário infantil e aventar abordagens temáticas nas quais crianças leitoras possam se inscrever propiciando um exercício de alteridade possível a partir da identificação com os questionamentos trazidos no livro, os quais pensamos serem dignos de atenção e não de censura.

Sobre os protocolos editoriais

O exemplar de *Mamãe nunca me contou* utilizado para a nossa análise foi publicado pela Editora Ática em 2008, traduzido por Claudia Morales, do original em inglês *Mummy Never Told Me* (2003). Apresenta encadernação em capa dura, sendo que os cadernos que constituem o miolo são costurados e colados na lombada. O papel utilizado, embora não tenha sido descrito no *corpus*, é notadamente de boa qualidade,

propiciando impressão que valoriza o arranjo de cores utilizado nas ilustrações feitas pela autora.

Podemos dizer que a obra em questão é de porte médio, devido às suas dimensões (25 cm de altura por 26 de largura, enquanto fechado), combinadas à quantidade de páginas. Documentalmente, por apresentar 34 (trinta e quatro) páginas, deveria ser considerado “folheto”, pois segundo a norma da Associação Brasileira de Normas Técnicas (2006), referente à apresentação de livros e folhetos, considera-se livro a “publicação não periódica que contém acima de 49 páginas, excluídas as capas, e que é objeto de Número Internacional Normalizado para Livro (ISBN)”. Entretanto, entendemos que nosso objeto de pesquisa constitui-se “livro”, numa significação mais ampla, cumprindo seu papel junto ao público a que se destina (leitores de literatura infantil), indo ao encontro das representações do objeto livro para esse leitor, o que não se relaciona com as questões normativas ora postas, pois essas não são de amplo conhecimento em comunidades leitoras adultas ou infantis.

O título, no formato que descrevemos, quando dos levantamentos feitos para a produção dessa pesquisa, encontrava-se disponível para venda pelo valor médio de R\$60,00 (sessenta reais), em diversas lojas na internet. A apresentação física do material, de ótima qualidade, vem a favorecer o alto custo final do mesmo, levando-nos a considerar a possibilidade de que poucos leitores podem ter acesso a essa leitura. Em contrapartida, podemos dizer que, dadas as características físicas dessa edição, pode ocorrer uma otimização da interação entre leitor e impresso.

A página com dados de impronta⁴ apresenta-se ao final do exemplar, onde se identifica também a presença de ficha catalográfica (catalogação-na-fonte) elaborada pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros do Rio de Janeiro, na qual se percebem situações de classificação geral da obra e de atribuição de assunto:

⁴ “Denominação atribuída, na catalogação tradicional, às indicações de local de publicação, editor e data. Serve para identificar e caracterizar a obra, e, algumas vezes, para indicar onde pode ser obtida” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 191).

- a) Classificação Decimal de Dewey (CDD) e Classificação Decimal Universal (CDU) remetendo à classe de Literatura infanto-juvenil⁵;
- b) atribuição do assunto “Perguntas e respostas – Literatura infanto-juvenil” no campo de pistas da ficha catalográfica.

Pensamos ser importante observar o que está posto nessa ficha catalográfica, pois muitas bibliotecas e livrarias têm como referência de organização o que se apresenta na mesma, não sendo possível dizer o quão apurada é a análise da obra feita para fins da elaboração da ficha. Se considerarmos o cenário retratado anteriormente quanto à classificação indevida da obra de Babette Cole no Reino Unido (TAYLOR; McMENEMY, 2013), numa tentativa de projetar situação similar nas bibliotecas brasileiras, não seria estranho pensar na possibilidade de uma classificação específica para literatura infantil que tenha a finalidade de auxiliar no aprendizado de questões para a vida, tais como as que ora discutimos, uma vez que essa literatura pode não ser bem aceita em determinadas comunidades culturais, sejam elas familiares, escolares, religiosas etc.

Parece-nos que tanto a classificação geral atribuída quanto a definição do assunto “Perguntas e respostas – Literatura infanto-juvenil” de certa forma limitam a possibilidade de recuperação do que se pode explorar a partir da leitura de *Mamãe nunca me contou*, o que pretendemos demonstrar ao discorrer sobre os protocolos autorais inscritos no conteúdo dessa obra.

Conjecturas a respeito dos protocolos autorais⁶

A partir de uma análise descritiva sucinta do conteúdo, tendo em vista a brevidade dessa produção, trazemos algumas considerações a respeito de possíveis protocolos autorais presentes na obra, esses que indicam o que viria a ser a intenção do autor quando do momento de criação.

O conteúdo de *Mamãe nunca me contou* é composto de imagens e textos, com

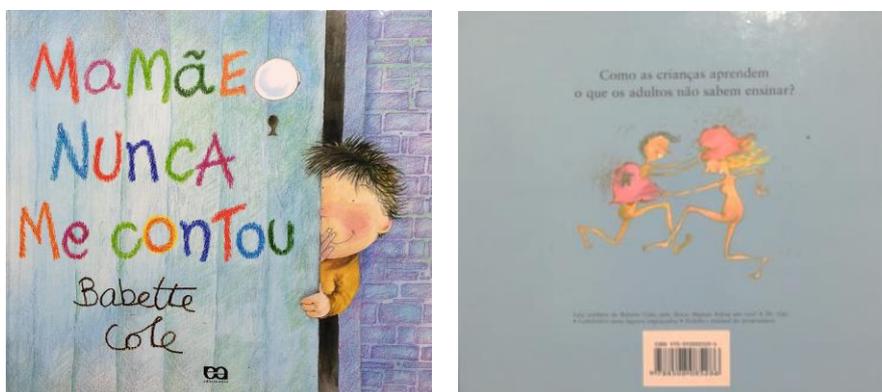
⁵ Esquemas de organização adotados por unidades de informação, geralmente bibliotecas, com o objetivo de manter materiais com mesma temática, próximos uns dos outros em suas área de arquivamento e recuperação.

⁶ Todas as ilustrações utilizadas nesta seção foram digitalizadas do livro *Mamãe nunca me contou* (COLE, 2006).

narrativa em primeira pessoa, dispostos de modo sincrético, não sendo possível que as imagens prescindam do texto, ou vice-versa. As ilustrações, das capas ao miolo, são todas coloridas (parecendo ter sido utilizada a técnica de pintura em aquarela) e nelas são retratadas pessoas em diferentes espaços, distribuídos em vinte e três cenas, sem aparente imposição de uma linearidade temporal nem ordem para a narrativa. A caracterização das personagens é variada, sendo retratadas diferentes etnias, idades, biotipos, gêneros. A presença de animais nas ilustrações também é marcante, como uma espécie de coadjuvante em momentos do cotidiano, o que ponderamos ser uma escolha deliberada da autora e um reflexo da paixão que nutre por esses seres, principalmente por cachorros (ABOUT..., 2015).

O texto é constituído de períodos curtos que trazem alguns questionamentos a respeito dos “segredinhos da vida” presentes no imaginário de crianças. Babette Cole parece querer trazer à tona algumas questões que desde cedo merecem ser foco de diálogo, seja nos ambientes formais ou informais de educação e mesmo no familiar, o que poderíamos dizer ser corroborado, inicialmente, tanto pela escolha título do livro, *Mamãe nunca me contou*, quanto pelo questionamento trazido na quarta capa (FIGURA 1): “Como as crianças aprendem o que os adultos não sabem ensinar?”. Correlacionando essas propostas de abertura e encerramento da obra, nos remetemos, imediatamente, a uma reflexão concernente aos modos de como os adultos ensinam (ou não) assuntos complexos e não menos importante à vida das crianças.

Figura 1 – Primeira e quarta capas



A ilustração da primeira capa, de um menino semioculto atrás de uma porta, com a mão em frente ao rosto e parecendo querer esconder uma reação a algo ou um desejo de observar em busca de respostas; permite-nos adentrar num cenário de curiosidades e mistérios que está presente em toda a estrutura do livro. Com a afirmação “Mamãe nunca me contou que a vida é cheia de segredinhos” o narrador, que na ilustração identificamos inicialmente como um menino debruçado sobre a protuberante barriga de sua mãe (FIGURA 2), dá início à narrativa, permitindo que o leitor tome o lugar do personagem questionador, e, nesse exercício de alteridade, inscreve-se numa proposta de querer saber de tais segredinhos problematizando a aprendizagem das crianças sobre determinados assuntos e conteúdos a partir do que está posto socialmente no universo adulto.

Figura 2 – Mamãe nunca me contou



Nas páginas subsequentes, afirmativas e questionamentos diversos vão se apresentando, encenadas por personagens diferentes em diversos aspectos, mas situados todos no foco de discussões que por vezes são consideradas de “difícil” abordagem junto a crianças, podendo variar o grau de dificuldade de acordo com as concepções inerentes a cada indivíduo. Apresentam-se as seguintes questões/afirmativas: a) “Para que serve este furinho aqui, o umbigo... e como ele veio parar na minha barriga?”; b) “Por que a mamãe vive ocupada e não tem tempo para mim?”; c) “Por que eu tenho que ir para a escola se a mamãe foi expulsa da escola dela?”; d) “Fada dos dentes... se parece com o quê?”; e) “Mamãe nunca me contou que menino e menina são diferentes... nem que é difícil saber se um adulto é homem ou mulher!”; f) “Por que alguns adultos têm cabelo nas orelhas e no nariz, mas nem um fiozinho na cabeça?”; g) “Os médicos ajudam os adultos a escolher um nariz novo. Mas não explicam o que fazer com o nariz

velho!"; h) "A mamãe nunca me contou por que tem gente que coloca os dentes num copo antes de dormir e por que outros ficam tanto tempo no banheiro."; i) "Por que a mamãe e o papai se trancam no quarto deles?"; j) "Aonde eles vão à noite?"; k) "Onde os casais que não podem ter filhos arrumam um bebê?"; l) "Como você consegue detestar tanto uma pessoa... e amar ao mesmo tempo?"; m) "Por que algumas mulheres preferem se apaixonar por mulheres... e alguns homens namoram outros homens?"

Ao olhar rapidamente as questões, mesmo dissociadas das imagens, temos uma visão inicial da abordagem da autora, que transita entre situações prosaicas do cotidiano, muitas relativas ao conhecimento de si e do corpo (como colocar "os dentes" num copo), e entre outras que podem ser geradoras de desconforto no meio dos leitores adultos. Dentre essas, destacamos algumas temáticas inerentes à emancipação do sujeito, as quais acreditamos serem passíveis de discussão a partir de um momento de mediação da leitura: conhecimento do corpo humano, figurações da mulher contemporânea, orientação sexual e gênero. Ao destacar tais temáticas e eleger comentários a respeito das imagens e textos que porventura as abranjam, não desmerecemos abordagens outras para os mesmos, pois entendemos que os movimentos de leitura e interpretação dos textos se dão de forma diferenciada a partir dos modos de ser e estar dos respectivos sujeitos leitores, bem como reconhecemos a riqueza dos desdobramentos sutilmente imbricados na narrativa da obra, esta que apresenta discurso a favor da emancipação das crianças a fim de constituí-las críticas e respeitosas às diferenças humanas.

a) Conhecimento do corpo humano

Vários são os momentos, no título ora discutido e em outros títulos de Babette Cole, favoráveis ao diálogo sobre o corpo e em prol de melhor conhecer as similaridades e diferenças das quais nos constituímos. A Figura 3, por exemplo, traz ilustrações vizinhas, sendo uma a de um curioso menino a respeito da origem do "furinho" em sua barriga e a outra uma imediata possibilidade de resposta: o momento do parto normal, apresentando a mãe desnuda em seu leito e o médico cortando o cordão umbilical. Essa apresentação, além de indiciar uma proposta narrativa do texto, dá espaço para uma intermediação entre adulto e criança, favorecendo um diálogo

franco e desmistificado quanto ao nascimento dos bebês e ao processo de geração dos humanos.

Na Figura 4 vemos duas crianças em uma banheira, de onde sai um janto “suspeito” para o alto. As personagens demonstram reações diferenciadas a esse momento de descoberta de diferenças: a menina está surpresa, a mãe contrariada com a proeza do filho e o menino faceiro, como se ciente de sua traquinagem. Vemos nessa ilustração uma situação que pode ser vivenciada comumente, não tão constrangedora para adultos, mas que pode servir de mote para debates.

Figura 3 – Umbigo



Figura 4 – Meninos e meninas

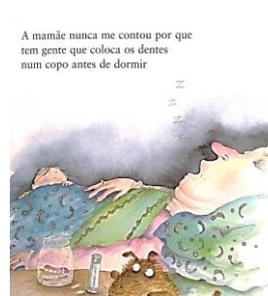


Também as Figuras 5 e 6, direcionam-se às questões de conhecimento do corpo, talvez voltadas mais para o que se pode dizer das diferenças físicas, tal como o fato de se ter cabelo (demais) nas orelhas e nariz, mas “nem um fiozinho na cabeça”. A Figura 6, entretanto, que mostra uma senhora a sono solto, tendo ao seu lado um copo, no qual depositou a dentadura; tanto pode favorecer um diálogo a respeito dos cuidados com a saúde bucal quanto do avançar da idade.

Figura 5 – Cabelos



Figura 6 – Dentes no copo



b) Figurações da mulher contemporânea

Não é eleita uma imagem única de mulher em *Mamãe nunca me contou*, de modo contrário, a cada nova cena figura-se uma nova personagem, com diferentes aparências físicas que variam de acordo com idade (há mulheres jovens e mais velhas) e outras características (há magras, gordas, loiras, ruivas, negras). Percebemos que a autora pretende demonstrar diferentes mulheres, conscientes de si mesmas e dos espaços que ocupam. A diversidade sobre a qual falamos, pode ser percebida na Figura 7, na qual identificamos cinco ilustrações de personagens do gênero feminino, cada qual com sua especificidade atitudinal e corporal. Evidenciamos também uma temática mais complexa trazida pela figura, que permite uma viagem ao passado da mãe ali configurada, colocando em foco as escolhas que a mesma fez, assim como o olhar condenador lançado a ela pela sociedade onde estava inserida, e o cerceamento de um direito, decorrente de tal condenação.

Figura 7 – Ir para a escola



Figura 8 – Mamãe não tem tempo



A Figura 8 também ilustra o que dizemos sobre mulheres conscientes de si mesmas. Visualizamos uma mulher madura, que não se afasta dos seus interesses profissionais ou acadêmicos e que pode ter decidido ser mãe mais tarde, sem abdicar de suas escolhas. A criança, apesar de não aparecer em sua completude na ilustração, lança um brinquedo na cabeça da mulher, reclamando a atenção da mãe que, ocupada, “não tem tempo” para o(a) suposto(a) filho(a). Ao considerarmos a posição que a mulher ocupa na sociedade atualmente, poderíamos dizer de uma Babette que se manifesta de modo a instigar os leitores a pensarem no direito da mulher de ir à busca de seu lugar no mundo, sendo necessário promover diálogos que levem à compreensão das múltiplas atuações que ela deve assumir durante essa caminhada (mulher que é profissional,

estudante, mãe, pai, esposa, provedora etc.), sem que por isso seja, de alguma forma, julgada, penalizada e incompreendida.

c) Orientação sexual e gênero

É com muita naturalidade que a autora retrata a temática da homoafetividade (FIGURA 9), o que pode ser percebido nas cenas que trazem o questionamento “por que algumas mulheres preferem se apaixonar por mulheres e alguns homens namoram outros homens?”, nas quais dois casais homoafetivos são retratados em típicos momentos românticos, contextualizados a partir de alguns pequenos atos: a entrega uma flor durante um piquenique, a oferta de um alimento ao companheiro. Essa abordagem, destituída de apresentações caricatas, favorece uma visão honesta a respeito de uma temática que ainda é polemizada e de difícil abordagem em diferentes meios.

Figura 9 – Outras formas de amar



Figura 10 – Difícil saber



Babette prossegue mostrando diferentes facetas das personagens, nunca as apresentando a partir do estabelecimento de padrões e similaridades, como na Figura 10, por exemplo, na qual visualizamos duas personagens não passíveis de qualquer definição aparente a partir da concepção de gênero posta socialmente, principalmente no que diz respeito à necessidade de que homens e mulheres tenham usos e costumes padronizados e que de pronto os identifiquem. Essa abordagem apresenta-se oportuna para o público infantil, podendo contribuir para a noção de respeito à individualidade dos que os cercam e de si mesmo.

Considerações finais

A partir da apresentação dos dados tipográficos e do conteúdo da obra *Mamãe nunca me contou*, de Babette Cole, identificamos alguns dos protocolos de leitura inscritos que, a nosso ver, não correspondem a uma tentativa dialógica exclusiva ao universo infantil, como sugerem os dados catalográficos do livro, mas estabelece, sobretudo, questionamentos referentes aos modos como certos assuntos circulam no âmbito sociocultural. Se por um lado a narrativa evidencia características autorais da produção literária de Babette Cole, por outro potencializa o olhar do leitor para uma leitura mais ampliada a respeito dos significados de si o do outro.

Além de uma escrita provocadora, as imagens que ajudam a compor o enredo parecem conferir simplicidade às questões apresentadas. Pudemos perceber que, em muitas ocasiões, as imagens surgem como sugestões de respostas às perguntas trazidas no livro, ou mesmo indicam uma abordagem descomplicada e natural para a questão disposta, dinâmica essa que favorece o exercício de alteridade do leitor, seja esse criança ou adulto.

Concluimos que o livro analisado, objeto cultural que é, pode servir de mediador quando das discussões de alguns assuntos “difíceis” nele ilustrados, discussões essas que são correntes, ainda que por vezes polêmicas e não pacificadas.

A leitura de *Mamãe nunca me contou* favorece diálogos em prol da desmistificação dos conceitos de sexualidade e de gênero, do reconhecimento da figura feminina como um sujeito social multifacetado, do conhecimento do corpo como algo natural e singular e, por fim, do reconhecimento da criança como um sujeito social capaz de compreender e reinventar os modos de ser e estar no mundo. Por esse motivo, acreditamos que uma ampliação do acesso a essa produção, seja em bibliotecas públicas ou escolares, ou mesmo em acervos familiares, pode colaborar para o despertar de um desejo de novos aprendizados que levem a atitudes de aceitação e respeito. E se não houver respostas imediatas, que permaneça a certeza de outros momentos propícios às mesmas, como no caso do narrador que, ao fim do livro, parecendo não ter tido todas os esclarecimentos que buscava, declara: “Mas eu não ligo. Um dia a mamãe conta!”.

Referências

- ABOUT Babette Cole. In: BABETTE Cole's Books and Artwork site!. [S.l.]: [s.n.], ©2015. Disponível em: <<http://www.babette-cole.co.uk/about-babette-cole/>>. Acesso em 08 de abr. de 2015.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6029**: informação e documentação : livros e folhetos : apresentação. 2ª ed. Rio de Janeiro, 2006.
- CADEMARTORI, L. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- CHARTIER, R. Do livro à leitura. In: _____ (Org.). *Práticas de leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 77-105.
- CUNHA, M. B.da; CALVACANTI, C. R. de O. *Dicionário de biblioteconomia e arquivologia*. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.
- COLE, B. *Mamãe nunca me contou*. Tradução Claudia Morales. 1. ed., São Paulo: Ática, [2006].
- FRAUSTINO, L. R. The Apple of Her Eye: The Mothering Ideology Fed by Best-Selling Trade Picture Books. In: KEELING, K. K.; POLLARD, S. T. (Ed.). *Critical Approaches to Food in Children's Literature*. New York: Routledge, 2009. p. 57-72. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books>>. Acesso em 08 abr. 2015.
- PICTURE books. In: ZIPES, J.; PAUL, L.; VALLONE, L. (Ed.). *The Norton Anthology of Children's Literature: the Traditions in English*. New York, London: W. W. Norton & Company, 2005, p. 1051-159. Disponível em: <[http://www.michelepolak.com/3003spring2014/Weekly_Schedule_files/NortonPicture books.pdf](http://www.michelepolak.com/3003spring2014/Weekly_Schedule_files/NortonPicture%20books.pdf)>. Acesso em: 25 jun. 2015.
- TAYLOR, K.; McMENEMY, D. Censorship challenges to books in Scottish public libraries. [S.l.], *Journal of Librarianship and Information Science*, 45(2), p. 153-167. Disponível em: <<http://strathprints.strath.ac.uk/34331>>. Acesso em 26 jun. 2015.
- ZILBERMAN, R. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.

CHILDREN'S LITERATURE AND READING PROTOCOLS: ANALYSIS OF *MOMMY NEVER TOLD ME*, BY BABETTE COLE

ABSTRACT

This study seeks to identify reading protocols inscribed in *Mommy Never Told Me*, a children's

literature work, from the English writer and illustrator Babette Cole. It also lists highlighted themes that meet with emancipation issues of the subject, and allow dialogues both in formal education environment as out of it. From a historical-cultural perspective, crossed by the theoretical assumptions of Roger Chartier, it discusses about children's literature, considering its function in the social world, and the book as a cultural object. The results favor the demystification of the paradigm about this kind of literary production.

Keywords: Children's Literature. Reading Protocols. Babette Cole.

Recebido em 30/03/2016.

Aprovado em 13/08/2016.